



Vamos repassar pra todo mundo saber! *Fake news* em sala de aula como vacina a futuros jornalistas
(Universidade Federal de Mato Grosso / UFMT)

INTRODUÇÃO

As *fake news* veiculadas em grandes fluxos de informação, como os meios de comunicação tradicionais e também as novas redes sociais, usam a força do impacto emocional das imagens para deturpar o sentido dos textos a elas associados, influenciando os processos políticos e fortalecendo os extremismos. “Vacinar” futuros jornalistas, enganando estudantes dentro do ambiente controlado da sala de aula com notícias falsas, pode ser uma estratégia eficiente para que se atentem a elementos comuns nas estruturas das *fake news* de modo a desconfiarem de “informações” carregadas de imagens apelativas. O artigo proposto narra uma experiência real de ensino repetida com sucesso há anos e que pode ser replicada em qualquer curso de jornalismo, em especial nas disciplinas de fotojornalismo. Ele visa, ainda, discutir a relação entre a centralidade das imagens na sociedade atual, a possível mudança na forma de pensamento da humanidade e a produção, distribuição e atual sucesso das *fake news*.

O TEXTO E O CONTEXTO DAS IMAGENS

Em *A importância do ato de ler*, o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, inicia o capítulo homônimo relacionando a prática pedagógica à sua dimensão política. No terceiro parágrafo ele diz: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (Freire, 1989, p.9). Em outros textos, como analisado por Sara Silva e Darcísio Muraro (2013), o educador irá também separar o pensamento humano em duas categorias distintas: uma formada por “palavras falsas” e idealização, e outra a partir da “experiência concreta” que substituiria as “explicações mágicas por princípios causais” (FREIRE, 2003, p. 30). No artigo sobre a importância da leitura, apresentado originariamente no *Congresso Brasileiro de Leitura*



de 1981, Freire liga o contexto às suas experiências sensoriais no mundo físico da infância, que Boris Kossoy vai classificar como “primeira realidade”, Vilém Flusser como “tridimensional” e Harry Pross como “mídia primária” (SOUZA, 2022). Esse contexto cada vez mais se transforma atualmente numa experiência midiaticizada em “segunda realidade” e normalmente “nuldimensional” e em “mídia terciária”, via aparelhos ligados à internet. Como a experiência da leitura das “notícias” se distancia cada vez mais da experiência “corpórea”, seja do fato, seja da fonte, ela perde quantidade e qualidade de informação. Quando traz imagens e textos apelativos, ela pode se tornar fonte dos mais básicos sentimentos, como ódio, desejo e medo, usados historicamente para a manipulação das massas. Essa é a essência das *fake news* atuais.

Texto e Contexto, coincidentemente ou não, também é o título que uso para uma aula que anuncio às turmas já no primeiro dia letivo como a “aula da mentira” e que tem sido de grande sucesso junto a milhares de alunos em universidades públicas e privadas nas quais tenho lecionado nos últimos 12 anos. A estratégia é de fato bastante simples, mas muito efetiva em seu objetivo didático de “vacinar” os estudantes de jornalismo contra as *fake news*. Primeiro, eu afirmo estar de péssimo humor por algo que descobri na internet na noite anterior, mas que para contar o que aconteceu teria antes de correr com a matéria e, portanto, o uso de celulares estaria terminantemente proibido nesse dia. Em seguida, apresento as conceituações sobre as relações entre texto e imagem que Walter Benjamin (1994) cita no artigo *Pequena história da fotografia*, de 1931, e os conceitos de aura e autenticidade no clássico *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, escrito entre 1935 e 1936. Por fim, explico, de forma apressada e ríspida, para evitar que os discentes reflitam demais, os conceitos de Vilém Flusser (2009) sobre a imagem técnica, em *Filosofia da Caixa Preta*, publicado em 1983, e sobre as formas de pensamento humano (tempo-histórico-linear e mágico-imagético-circular) (FLUSSER, 2008) apresentados poucos anos depois em *O universo das imagens técnicas*. Ambos os autores destacam a importância do fascínio mágico das imagens, atingindo o leitor em seu campo emocional, com o obscurecimento do raciocínio lógico de causas e



consequências apresentado pelos textos, mas isso não é o suficiente para o que vem depois. Está encerrada a primeira parte aula.

A partir daí, apresento uma “denúncia”, alegadamente feita por um tal de Phd Paul L. Williams e publicada num blog chamado thelastcrusade.org (atualmente fora do ar) que trazia o relato de uma cerimônia de casamento patrocinada pelo partido político islâmico Hamas, que governa a Faixa de Gaza desde 2007, envolvendo 450 casais nos quais a maioria das noivas teria menos de 10 anos de idade. A versão em português¹ traz em geral três fotos como a figura 1, mostrando sempre adultos de terno e meninas de vestido branco. Após a descrição da cerimônia, há “dados” sobre casamentos infantis supostamente retirados de um “Centro Internacional Para Pesquisas Sobre Mulheres”: 51 milhões de noivas crianças no mundo, quase todas em países muçulmanos; quase 30% destas pequenas noivas apanham regularmente e são molestadas por seus maridos no Egito; mais de 26% sofrem abuso similar na Jordânia. Ainda segundo o texto, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, atestaria que: “Todo ano, três milhões de garotas muçulmanas são submetidas a mutilações genitais. A prática ainda não foi proibida em muitos lugares da América”. Em seguida, o texto diz citar o livro Sahih Bukhari para afirmar que Maomé casou com uma menina de seis anos (Aisha) e traz ainda supostos trechos de discursos do antigo clérigo iraniano Aiatolá Komeini em que ele teria dito que “Um homem pode obter prazer sexual de uma criança tão jovem quanto um bebê. Entretanto, ele não pode penetrar; sodomizar a criança não tem problema.”

Figura 1 - Suposto casamento pedófilo

¹ Ainda disponível em sites como: <https://ceticismo.net/2009/09/08/a-pedofilia-do-hamas-um-estudo-definitivo/>, <http://pulpitocristao.com/2009/09/pedofilia-do-hamas.html> e <http://www.edobabado.com.br/a-historia-oculta-do-mundo-a-pedofilia-do-hamas/>. Acesso em: 20 jul. 2020.



Fonte: Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/5655378/>. Acesso em: 20 Mar. 2023.

Apresentada a “reportagem” que termina com a convocação à ação (“Esta é a história que a mídia não conta [...] Vai ficar calado?”), pergunto aos alunos o que pensam sobre isso. Nunca, em 12 anos, um estudante questionou de cara a veracidade das “informações”. Pouquíssimos repararam na data do texto projetado pelo Datashow. Nenhum jamais apontou que a prática de mutilação genital seria mais comum na África. Apenas depois de 40 ou 50 minutos de indignação geral, normalmente com poucos alunos sugerindo bombardear os palestinos, enquanto outros defendem que eles têm direito às suas crenças religiosas e outros ainda dizendo que única ação possível a partir deles é “viralizar” a “notícia”; alguém atende à minha insistência por uma “opinião diferente” e pergunta se, por acaso, essa não é a “aula da mentira” ou se eu tenho certeza da informação ou se confio na fonte. Somente então cumprimento esse aluno, peço desculpas à sala pela manipulação e volto aos conceitos de Benjamin e Flusser apresentados no início da aula para mostrar como as imagens verdadeiras associadas a textos falsos estimularam os preconceitos e ódios, cegando o raciocínio para os enormes “buracos lógicos” da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Apesar de todos os conceitos básicos sobre a manipulação dos sentidos e significados de uma imagem terem sido apresentados, os alunos ficam fascinados pela imagem e são facilmente manipulados por uma *fake news* que roda a internet desde agosto de 2009, primeiro por meio de spam via e-mail, depois em perfis do Facebook e atualmente com certeza nos grupos de WhatsApp das famílias: a história de um casamento pedófilo em massa na Faixa de Gaza, Palestina. Chocados com a verdade dos fatos, ficam “vacinados” contra futuras manipulações.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: Barthes, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 11-25, 1990.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 7ª Edição, 1994.

CARR, N. **Os superficiais**. Lisboa, Portugal: Editora Gradiva, 2012.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta** – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler** – Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 23ª Edição, 1989.

MARSHALL, T. Islamophobia. Ignorance Or Propaganda? Sky News, 4 ago. 2009. Disponível em:
<http://web.archive.org/web/20090807032557/http://blogs.news.sky.com/foreignmatters/Post:dcc9d723-8046-4857-b618-5c1135ba6417>. Acesso em: 8 mai. 2020.

SOUZA, V. Quer que desenhe? Imagens, *fake news* e mudança no modo de pensamento. São Paulo: Editora Casa Flutuantes, 2022.